



MESTRAS DA CULTURA POPULAR EM BELÉM-PA: A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA MANUTENÇÃO E DIVULGAÇÃO DA CULTURA POPULAR

Jorgete Maria Portal Lago¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo provocar a reflexão sobre a invisibilidade de mulheres e sua participação nas manifestações da cultura popular. Neste caso temos como recorte as atividades de Mestras que atuam na cidade de Belém-PA. Para tal reflexão, abordaremos temas sobre classe, gênero e raça fundamentados nos estudos de Scott (1989), Anzaldúa (2000), Haraway (1995), Carneiro (2011) e Curiel (2007). A partir da coleta de dados nas secretarias de cultura estadual e municipal verificamos um percentual de 55,7% de grupos liderados por mulheres nas mais diversas manifestações tais como: Quadrilhas Juninas, Pastorinhas, Pássaro Junino, Cordão de Pássaro e Bicho e Boi-bumbá. Apesar deste número significativo de mulheres na liderança de grupos, o reconhecimento de seu protagonismo ainda não tem merecido destaque, seja pelos órgãos públicos, academia e sociedade em geral. No campo de estudos da Cultura Popular no Brasil as mulheres também têm sido invisibilizadas como protagonistas. Acreditamos que este artigo contribua para uma nova perspectiva nesta área de estudo que é de (re) pensar o papel da mulher na produção, transmissão e divulgação das manifestações populares seja para sua comunidade como para a sociedade em geral.

Palavras-chave: Cultura Popular; Mestras; Saberes tradicionais; Protagonismo feminino; Belém.

Abstract: This article aims to provoke reflection on the invisibility of women and their participation in the manifestations of popular culture. In this case we have as a cut the activities of Masters who work in the city of Belém-PA. For this reflection, we will approach themes about class, gender and race based on the studies of Scott (1989), Anzaldúa (2000), Haraway (1995), Carneiro (2011) and Curiel (2007). From the data collection in the state and municipal culture departments, we verified a percentage of 55.7% of groups led by women in the most diverse manifestations such as: Quadrilhas Juninas, Pastorinhas, Bird Junino, Cordão de Bird and Bicho and Boi-bumbá. Despite this significant number of women in the leadership of groups, the recognition of their role has not yet been highlighted, whether by public agencies, academia and society in general. In the field of Popular Culture studies in Brazil, women have also been made invisible as protagonists. We believe that this article contributes to a new perspective in this area of study that is to (re) think the role of women in the production, transmission and dissemination of popular manifestations both for their community and for society in general.

Keywords: Popular culture; Masters; Traditional knowledge; Female protagonism; Belém.

¹ Licenciada em Educação Artística-habilitação Música, pela Universidade do Estado do Pará. Mestrado em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia. Docente dos Cursos de Licenciatura Plena em Música, Pedagogia, Letras, História com disciplinas sobre Arte e Sociedade. E-mail: jorgetelago@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0540-2362>.

Uma breve apresentação

O estado do Pará tem reconhecimento pela sua diversidade, seja ela natural ou cultural. E quando ouvimos notícias sobre o estado tudo é em abundância, seja nos aspectos positivos e também negativos. A cidade de Belém, capital do Pará também apresenta uma rica diversidade cultural espalhada nos bairros da periferia e suas ilhas. A cultura belenense recebeu grande visibilidade nos últimos dez anos a partir da consagração de alguns cantores, bandas de música, produção de novelas, filmes, divulgação da culinária entre outros. É claro, que no espaço midiático nem todos têm a mesma oportunidade de divulgação. A maioria dos grupos com suas respectivas práticas culturais e musicais são conhecidas somente nas suas próprias comunidades, apresentando um circuito mais limitado. Neste artigo vou me concentrar nos grupos de cultura popular tradicional, que são aqueles que possuem uma prática musical com objetivo de perpetuarem uma determinada tradição e congregam a comunidade de maneira lúdica e prazerosa, sem um intento comercial. Das manifestações expressivas mais praticadas pelos grupos em Belém elencamos o Boi-bumbá, Pássaro Junino, Cordão de Pássaro e Bicho, Pastorinha e Quadrilhas Juninas².

A cidade de Belém, considerando suas ilhas³ apresenta uma variedade e quantidade de grupos tradicionais que impressiona, apesar das condições desfavoráveis para manter tais práticas culturais e musicais. A falta de tempo para o lazer, restrição de espaço para ensaios, o apelo da mídia, a violência urbana entre outras dificuldades são algumas das situações impeditivas para as atividades dos grupos. Apesar deste cenário desfavorável, os grupos mantêm suas atividades sendo responsáveis pela divulgação e manutenção de práticas tradicionais da cultura belenense. Na coordenação destes grupos estão homens e mulheres que se esforçam e se dedicam em divulgar as tradições, sendo elas/eles agentes culturais de suas comunidades. A importância dos mestres é vital para a existência e continuidade das manifestações populares, mas pouco se fala sobre eles. E sobre as mulheres, ou como chamarei aqui de mestras, a divulgação de seus saberes e fazeres junto aos seus grupos é quase nulo. Tal situação demonstra, que apesar da produção musical profícua dos grupos tradicionais, não percebemos uma produção acadêmica e de divulgação que seja proporcional sobre as mesmas. E se analisarmos a partir da atuação das mestras, o descaso é maior, demonstrando que a relação entre os gêneros é assimétrica e se reflete na divulgação da

² Os grupos citados estão ligados à tradição do ciclo junino, a exceção da Pastorinha que estão ligadas ao ciclo natalino.

³ Belém tem sua área geográfica composta por uma parte continental e insular. As principais ilhas que fazem parte do município de Belém são: Ilha de Caratateua, Cotijuba, Mosqueiro e Combu.

cultura popular em Belém. E é pensando sobre esta ausência feminina nas discussões sobre a cultura popular tradicional em Belém que propomos este artigo, verificando as motivações destas ausências e quais questões implicadas.

Situando a pesquisadora e o tema de pesquisa

A leitura do texto de Donna Haraway (1995)⁴ me fez refletir sobre um tema que ainda gera controvérsias entre pesquisadore/as, que é a subjetividade do/a autor/a perante seu tema de pesquisa. A objetividade e a neutralidade são posicionamentos buscados pela ciência na coleta e análise dos dados, mesmo nas ciências humanas e sociais a relação entre quem pesquisa e quem é pesquisado é mediado pelo “estranhamento”. E assim se mantém uma postura neutra e distanciada. A neutralidade foi o caminho que trilhei na minha carreira acadêmica e na pesquisa sobre música, sem contaminá-la com meu ponto de vista. Acredito que na tentativa de ser objetiva, me anulei e como consequência eu não refleti sobre minha relação com as pessoas envolvidas na pesquisa. E assim perdi a oportunidade de expandir o olhar, de discutir o que não é discutido, de chamar atenção para o que é sempre ocultado, me esquivar da experiência das relações humanas. Algumas perdas em nome da objetividade. E acima de tudo deixei de compreender que a pesquisa é uma relação de reconhecimento e identificação que o/a pesquisador/a estabelece com as pessoas ou grupos pesquisados.

A leitura e estudo sobre as teorias feministas me deram a oportunidade de me colocar subjetivamente sem perder o rigor da ciência e da objetividade da pesquisa, pois se situar subjetivamente é se situar politicamente, como sujeita e cidadã. È claro que a escrita de um texto mais subjetivo não pode se transformar em uma sessão de terapia, mas uma maneira de dialogar e pensar criticamente sobre determinadas situações e contextos. Donna Haraway relata que o feminismo não tem a intenção de ser um contrário da ciência, sem o compromisso com a pesquisa, mas sim uma maneira mais orgânica de se ver o mundo, um olhar mais “corporificado” como reiterado neste trecho:

As feministas têm interesse num projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele, e na relação crítica, reflexiva em relação às nossas próprias práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições contêm. Nas categorias filosóficas tradicionais, talvez a questão seja ética e política mais do que epistemológica. (HARAWAY, 1995, p. 15)

⁴ O título do artigo é “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (1995).

A necessidade de me situar e reconhecer qual a minha função no mundo e qual a contribuição que posso oferecer para uma sociedade mais igualitária são as principais contribuições que as ideias de Haraway acrescentam para minha perspectiva de pesquisa. Já há alguns anos que venho pesquisando sobre práticas musicais populares na cidade de Belém em particular a manifestação do Boi-bumbá. Meu interesse de pesquisa sempre foi voltado para questões relacionadas aos processos de mudança e permanência das práticas musicais dos grupos, utilizando como elementos de análise as performances, o repertório, mudanças no espaço urbano de Belém e políticas públicas, sem lançar um olhar para outras questões. Desde os tempos da graduação tenho voltado meu interesse para os grupos de Bois-bumbás devido à diversidade de linguagens artísticas utilizadas e a longa tradição praticada na cidade de Belém remontando desde o final do século XIX.

Na pesquisa sobre o Boi-bumbá em Belém, em particular o grupo Boi-bumbá Flor do Guamá⁵. Eu me concentrei nas práticas musicais e culturais realizadas pelo grupo e naquele momento não havia dado atenção para a participação das mulheres. De maneira geral, a abordagem da pesquisa não incluía as mulheres e as funções que desempenhavam, fossem como coordenadoras, brincantes ou colaboradoras, embora reconhecesse sua presença nos grupos. Nesta pesquisa meu interesse se voltava para a figura do mestre do grupo de Boi-bumbá Flor do Guamá e seus respectivos saberes sobre esta manifestação. Meu foco era somente no mestre e as demais pessoas não passavam de coadjuvantes na minha pesquisa, inclusive as mulheres. Durante o doutorado e o conhecimento e as discussões sobre gênero e suas interseccionalidades me levaram a refletir sobre a importância das mulheres na manutenção e divulgação das práticas musicais tradicionais na cultura popular em Belém. Mulheres na sua maioria, negras ou caboclas,⁶ provenientes de estratos sociais desprivilegiados, moradoras de bairros ou comunidades pobres e que são invisibilizadas tanto na sua condição como sujeita e cidadã, quanto na sua função de transmissoras e mantenedoras da cultura popular belenense.

Para comprovar a forte presença de mestras da cultura popular em Belém eu realizei um levantamento dos grupos cadastrados na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN), órgão ligado a Secretaria Estadual de Cultura. De acordo com a classificação do

⁵ O grupo de Boi-bumbá Flor do Guamá foi tema da minha pesquisa de mestrado que produziu a dissertação intitulada “Os espaços de apresentação do Boi-bumbá em Belém/PA. Um estudo das apresentações do Boi-bumbá Flor do Guamá”. (2006). Mestrado em Música. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

⁶ O termo caboclo é ainda bastante utilizado na cidade de Belém, com duas conotações: uma positiva que reforça e exalta uma identidade amazônica baseada na combinação fenotípica e cultural do índio, branco e negro. E a outra conotação mais negativa, sendo aquela pessoa com um conhecimento mais restrito, proveniente do interior, mais humilde e ignorante.

FCPTN, os grupos estão divididos da seguinte forma: Quadrilhas Juninas adultas e mirins, Grupos de Parafolclórico⁷, Grupos de Pastorinha, Grupos de Pássaro Junino, Grupos de Cordão de Pássaro, Grupos de Boi-bumbá e Cordão de Bicho. Em 2015 quando realizei o levantamento e dados havia 104 grupos estão cadastrados nos registros da FCPTN, desta totalidade, 35 eram coordenados exclusivamente por mulheres. No caso particular das quadrilhas juninas, um número expressivo de 43%, são grupos coordenados por um homem e uma mulher. Acreditamos que mais grupos e mestras existam na cidade, pois estes dados foram obtidos somente de uma fonte, a FCPTN. Embora sejam parciais, estes dados apresentam o número significativo de mestras/coordenadoras revelando a importância das mulheres na manutenção e promoção da cultura popular em Belém. A proposta deste texto é estimular uma discussão sobre a ausência de dados sobre o conhecimento e a prática musical das mestras e os possíveis motivos de sua invisibilidade nas agendas culturais e acadêmicas. Acredito que esta proposta contribui para uma nova perspectiva para a área da Etnomusicologia que é de se (re) pensar o papel da mulher na transmissão e manutenção das práticas musicais tradicionais na sua comunidade. Outras questões que emergiram desta proposta durante a pesquisa foram: de que forma se dá os protagonismos destas mulheres? Quais os repertórios repassados? Qual o teor das músicas? Quais são compositoras? Quais são instrumentistas? Quais os conhecimentos e práticas musicais destas mestras? Qual sua importância para a comunidade como agentes culturais? Entre outros.

Considerando estas reflexões e minhas observações como mulher, negra, cidadã, professora de universidade pública, eu acredito que o objetivo principal deste artigo é propor uma discussão questionando a ausência de divulgação sobre o papel das mestras na manutenção das práticas musicais dos grupos de cultura popular em Belém. Tal discussão tendo como base teórica os estudos feministas e suas articulações com temas como raça, gênero, classe e sexualidade e que reverberam nas práticas culturais e musicais das mestras.

Pensando e repensando alguns termos

Nesta parte eu gostaria de indicar alguns termos e suas abordagens teóricas para a discussão sobre as ações culturais e práticas musicais das mestras da cultura popular. No âmbito dos estudos feministas quando se fala sobre mulheres, se fala consequentemente de gênero, embora o termo não seja exclusivo delas. Nesta discussão a historiadora Joan Scott é

⁷ Em Belém parafolclórico é o nome dado para grupos coreográficos que tem como fonte de inspiração as danças tradicionais amazônicas assim como as lendas e mitos. As apresentações são em formatos de espetáculo.

uma referência importante, pois no seu texto *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (1989) ela aborda o conceito e seu uso gramatical que abriu várias possibilidades. A utilização do conceito pelas feministas foi importante para lidar mais seriamente sobre a questão. No caso específico da área da História, a abordagem sobre o gênero trouxe a possibilidade de compreensão dos fatos sob outras perspectivas sem desmerecer questões importantes para a disciplina, como a política e luta de classes. A partir desta visão, as perguntas de pesquisa foram elaboradas considerando gênero como categoria analítica e não meramente descritiva. O uso deste conceito ampliou o estudo sobre os papéis dos sexos, que não se restringiam a mulher. Para Scott,

Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma separada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. (SCOTT, 1989, p. 7)

Ao apresentar uma proposta para a discussão e reflexão sobre a contribuição musical dada pelas mestras da cultura popular, a questão não se volta para a demonstração de um repertório específico executado por estas mulheres e que é diferenciado dos homens. Na verdade a discussão é relacional, posto que um estudo de gênero sobre a prática musical dos mestres também pode ser possível numa perspectiva feminista. A questão aqui é compreender principalmente, de que forma ocorrem as relações desiguais de poder e de que forma se revelam nas práticas musicais destas mestras, assim como suas relações com os membros dos seus grupos, das suas comunidades e com os seus pares. A principal contribuição dada por Joan Scott foi desmistificar que os estudos de gênero abordam somente questões relacionadas às mulheres.

Para Scott, a definição de gênero dividiu-se basicamente em duas proposições: o gênero como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e uma forma primeira de significar as relações de poder (p.21). E com base nestas diferenças, a autora relaciona quatro elementos implicados com a definição de gênero. São eles: os símbolos culturalmente disponíveis; os conceitos normativos; a noção do político e das instituições e organizações sociais; a identidade subjetiva. De novo, a autora reforça que um estudo baseado no conceito de gênero é muito mais complexo e de ordem humana, não se reduzindo a somente uma parte da humanidade.

O texto de Joan Scott é importante para a compreensão dos estudos de gênero a partir da própria utilização do conceito pelas feministas. Embora a autora tenha como campo de discussão, a área da história, suas proposições nos permitem abordar questões similares em

outras áreas, neste caso a da cultura popular. Acredito que a principal contribuição deste texto, além da proposta do conceito de gênero como categoria analítica, foi propor uma nova maneira de se analisar e criticar a ordem estabelecida na configuração dos papéis femininos e masculino, como relata Scott:

Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual. Temos que ficar mais atentas às distinções entre nosso vocabulário de análise e o material que queremos analisar. Temos que encontrar os meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à crítica, nossas análises à autocrítica. Se utilizarmos a definição de desconstrução de Jacques Derrida, esta crítica significa analisar no seu contexto a maneira como opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando a sua construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como real, como óbvia ou como estando na natureza das coisas (SCOTT, 1989, p.18-19)

O estudo de Scott é importante ao pensar o gênero como categoria analítica para se compreender relacionalmente as assimetrias de poder entre os chamados papéis femininos e masculinos, mas esta abordagem ainda é parcial. Nas relações de poder, Scott não considera conceitos, como classe, raça, etnia, sexualidade e etc. Tais termos também poderiam ser categorias analíticas que interseccionadas ofereceriam uma análise mais ampla das relações de poder envolvendo também o gênero. Acredito que a utilização restrita do gênero como categoria analítica limita e enrijece uma postura mais crítica e mais ampla na discussão das diferenças entre os sexos masculino e feminino.

Outro aspecto importante para a produção do conhecimento sobre esta temática é pensar a partir de outras perspectivas e até mesmo outras formas de refletir. E é neste sentido que Ochy Curiel apresenta uma importante contribuição. Com objetivo de visibilizar os estudos feministas subalternos e assim, preencher uma lacuna conceitual e teórica, Curiel no seu artigo intitulado “*Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista*” (2007) apresenta vários exemplos de abordagens propostas feministas racializadas no sentido de ampliar o debate sobre a colonialidade e suas consequências nos países que foram colonizados, a exemplo do Brasil.

Para Curiel, o tema da colonialidade tem sido uma questão provocadora abordada pelos estudos subalternos ou pós-coloniais como estratégia de legitimação acadêmica. Até onde estes estudos têm como objetivo a descentralização do sujeito subalterno. O debate sobre os problemas da colonização teve como precursores, Aimé Césaire e Franz Fanon, que nos seus estudos mostraram os problemas profundos que a colonização trouxe para os países colonizados, envolvendo não só questões de dependência econômica, mas também de valores

culturais, sociais, políticos e raciais. Estes dois autores não se limitaram as questões sociais e econômicas e trouxeram para o debate temas como o racismo para o pensamento sobre a América latina e Caribe. Curiel também apresenta outros autores que contribuíram para a temática da subalternidade na América Latina, como Mignolo, Quijano e Dussel. Embora eles falem sobre a questão da raça e até mesmo do sexo, nenhum deles abordaram o tema de maneira aprofundada, embora tal discussão já estivesse amplamente discutida pelas feministas racializadas.

A primeira contribuição sobre a temática é de Anibal Quijano que a partir da formulação do conceito de *colonialidade do poder* mostra como os padrões mundiais do capitalismo exerce um poder de dominação e exploração dos países colonizados. E nesta estratégia de dominação, o corpo é o espaço de exploração e dominação e que vai influenciar as relações de gênero a partir de uma visão eurocêntrica dominante. Os estudos de Quijano oferecem um aporte teórico muito interessante, embora ainda não amplie a questão do gênero. Neste sentido, a discussão sobre a situação das mulheres racializadas na América Latina parece não merecer uma discussão que vá além do trabalho escravo para as negras e a dizimação étnica para as indígenas. Curiel chama a atenção que apesar de já haver uma produção significativa, as feministas racializadas não são citadas nos trabalhos acadêmicos. Nem mesmo nas discussões feministas, que ainda apresentam uma produção acadêmica e política mais *euroamericanacentrada*. Como nos diz Curiel, as mulheres feministas racializadas estão fora do padrão dominante, que é homem-branco-heterossexual, mas por esta posição subalterna é que elas têm justamente contribuído para a ampliação do debate.

Seguindo com seu debate, Curiel apresenta as contribuições de feministas racializadas para a discussão pós-colonial nos EUA iniciadas pelas feministas negras. Ainda nesta abordagem, Curiel apresenta o chamado feminismo *chicano* representado por Gloria Anzaldúa, Chela Sandoval, Cherie Moraga e Norma Alarcón. Ela destaca o conceito de *lafrontera (borderland)* de Anzaldúa que questiona o nacionalismo chicano e o racismo norte americano, colocando em debate as identidades autênticas e essencializadas. A afirmação identitária como mestiça revela uma observação importante para a questão racial na América latina, pois o mestiço é um produto da imposição colonial, como um ser neutro e mais aceito pelo padrão eurocêntrico, uma negação da identidade negra e indígena, enquanto que para Anzaldúa no contexto norte-americano, o mestiço é uma forma de se afirmar como diferente, subalterna e resistente.

Além da contribuição das feministas nos EUA, Curiel aponta o trabalho importante das feministas racializadas na América Latina e Caribe, provando que a histórias das mulheres

negras e indígenas vai além das questões sobre trabalho escravo, doméstico e a reificação sexual das mesmas. Tais estudos mostram a luta destas mulheres contra a opressão por meio de táticas de resistência nas casas grandes, chamadas de *operaciones tortuga* ou como denominou Celsa Albert, forma de *cimarronaje doméstico*. Também a autora apresenta o conceito de *amefricanidad* formulado por Lélia González que traça uma genealogia indígena e africana como maneira de combater a visão eurocêntrica, que neutraliza e apaga tais contribuições. No Brasil, ela cita as contribuições dos estudos de Jurema Werneck sobre a importância das *ialodês*, como representação política e de resistência das mulheres negras no país. E a contribuição de Sueli Carneiro que na sua proposta de “enegrecer o feminismo” busca uma nova compreensão sobre o problema do sexismo e racismo a partir da experiência das mulheres negras. Curiel chama a atenção para o trabalho teórico e sistemático que estas autoras têm desenvolvido e que contribuem de forma significativa para os estudos pós-coloniais, mas que ainda têm sido pouco referenciados na academia. Para finalizar, Curiel cita o trabalho das feministas indígenas, que embora ainda incipiente tenham apresentado debates consistentes sobre as relações patriarcais, sexistas e racistas na sociedade latino americana como um todo e também nas sociedades indígenas. Como apresenta Marta Sánchez Néstor, que a luta das mulheres indígenas e pela sua autodeterminação como mulher e pelo reconhecimento da identidade do seu povo, perante um Estado racista e segregacionista.

Para concluir, Curiel fala da dificuldade em articular as teorias acadêmicas e as teorias formuladas a partir das experiências dos movimentos sociais. A dificuldade no mundo atual e globalizado é fazer com que estas desigualdades sejam abordadas, posto que tudo e todos pareçam “iguálados”, mas que mascaram ainda uma visão patriarcal, racial e sexista. A contribuição da autora foi apresentar as teorias pós-coloniais de autores de países na América Latina e Caribe e enriquecer o debate com as teorias feministas pós-coloniais que ao proporem os debates a partir da vivência das mulheres racializadas ampliam a discussão e propõe um a crítica mais adequada a nossa realidade.

No caso específico deste artigo sobre a prática cultural e musical de mulheres negras, afro-indígenas, periféricas é colocada em destaque, não seria possível se esquivar do tema sobre raça e até ir um pouco além ao lançarmos mão do conceito de branquitude. Para tal discussão os textos de Rita Segato (2005)⁸ e Aparecida Bento (2008)⁹ nas discussões sobre o raça e racismo considerando não somente o negro, mas também o ausente branco. No seu texto, Segato tem como discussão central a questão da “cor” como signo e que possui um

⁸ Texto cujo título é *Raça é signo de 2005*.

⁹ Texto cujo título é *Branqueamento e branquitude no Brasil* de 2002.

valor sociológico em significar. E como tal vai ter diferentes significados de acordo com o contexto em que o signo/cor for instituído. Para a autora em um país como o Brasil onde todas as pessoas compartilham do mesmo espaço social, a cor é o elemento que mais chama a atenção como um indicador da visibilidade africana. A cultura afro-brasileira seria como um *códice aberto*, pois está disponível para todos que desejam se inteirar dela, ela não é exclusividade de um *povo* afro-brasileiro. Desta maneira, a descendência africana seria a origem de todos os brasileiros, e não somente dos negros. Mas, para Segato, ser negro no Brasil significa exibir os traços ligados a descendentes que foram escravizados no passado e assim estar ligado a uma história de derrota e exclusão, mesmo que não tenham nenhuma ligação com este passado. Considerando o processo histórico de exclusão racial no Brasil, a presença do negro em espaços onde ele antes não podia ocupar e mesmos nos espaços restritos onde ele deveria estar justificaria as ações e políticas afirmativas na inclusão e ampliação do debate sobre o racismo. A tal intenção Segato chama de *eficácia comunicativa*, que é a introdução de novos signos, neste caso da cor negra como elemento positivado em locais onde ela estaria ausente ou com significado distorcido pelo preconceito.

Partindo da discussão proposta por Segato, percebemos que no caso das mestras da cultura popular em Belém, sua situação de invisibilidade se dá triplamente, por se mulher, negra e seu conhecimento está ligado a uma descendência cultural historicamente desvalorizada, a herança afro-indígena¹⁰. Assim, propor uma discussão que questione esta ausência e indo mais além, fortalecer o protagonismo destas mulheres que vem de histórias de luta e sobrevivência na manutenção de suas práticas musicais por meio das atividades de seus grupos, seja de Boi-bumbá, Pássaros juninos, Cordões, Pastorinha ou Quadrilhas Juninas.

No seu texto Maria Aparecida Bento (2002) apresenta duas questões principais: o silenciamento e o medo. O silenciamento ocorre quando o branco reconhece o racismo, mas não a discriminação racial e se compreende fora deste processo no intuito de defender seu grupo. O branco só se envolveria politicamente e moralmente quando seu próprio grupo fosse prejudicado, demonstrando uma *indignação narcísica*. Já o medo ocorre pelo enfrentamento com o diferente em que o negro representaria tudo aquilo que é negado pelo branco. Bento mostra que a discriminação tem por motivação a manutenção de privilégios de um grupo sobre o outro. Neste caso, a manutenção do privilégio branco poderia ser motivada tanto por interesse quanto por preconceito. E um dos meios para tal, seria a exclusão como descompromisso político diante o sofrimento do outro. Sobre a branquitude, Bento apresenta

¹⁰ Outro termo bastante utilizado para se referir as práticas culturais tradicionais no estado do Pará.

dados a partir do estudo de Edith Piza (1998) demonstrando que os brancos não se vêm relacionalmente com o negro e falar sobre discriminação racial é um assunto tabu. Para a autora, um estudo que aborde estas questões e o processo de embranquecimento seria uma proposta viável para a construção de uma sociedade mais igualitária. Acrescentando a esta discussão é apresentado o relato de Janet Helms (1990), para quem o primeiro passo para o desenvolvimento de uma identidade branca não racista seria o branco se reconhecer como ser racial também e suas implicações nas relações sociais e culturais.

Acredito que a grande contribuição destes textos foi a de se repensar sobre o significado que a raça traz seja branca ou negra e que no processo histórico de formação da sociedade brasileira as raças constituintes sempre estiveram articuladas em função de interesses econômicos, políticos, sociais e até demográficos. Articulações estas estabelecidas forçosamente pelas ações do branco europeu na manutenção dos seus privilégios. No processo histórico de desenvolvimento do Brasil, o branco precisou do índio e do negro para manter seus privilégios, os excluindo fisicamente, culturalmente e socialmente. Os textos com suas respectivas informações sobre racismo e branquitude como elementos articulados nos apresentam como proposta a reflexão crítica sobre o papel de cada um na sociedade e sua contribuição para na mudança da mesma.

Mulheres na cultura popular em Belém

Uma parte da minha pesquisa foi fornecer dados sobre as Mestras da cultura popular a partir da realização de entrevistas onde busquei conhecer suas narrativas de vida. Combinada as estas informações também busquei informações sobre às atuações das Mestras nas suas comunidades com ações sociais e culturais por meio dos seus grupos. As histórias de vida narradas por elas nas entrevistas que realizei foram conduzidas por mim no sentido de conhecer suas vivências, conhecimentos e atuações no campo da cultura popular tradicional paraense. Nas entrevistas eu pude descobrir a profunda experiência que estas mulheres possuem junto à cultura popular. Muitas delas foram inseridas nestas atividades desde criança, seja por familiares ou pela vizinhança demonstrando uma relação de aprendizado com as manifestações populares desde cedo. Descobri nestas entrevistas que algumas destas mulheres possuem uma longa trajetória envolvida em atividades nos grupos de cultura popular em Belém atuando como espectadoras, participantes e posteriormente como coordenadoras. Nas suas atuações como Mestras suas atividades compreendem desde a gestão financeira até a direção dos ensaios das apresentações dos seus grupos, incluindo neste amplo leque de

atividades a confecção dos figurinos, adereços, composição de músicas, reunião com responsáveis das crianças e adolescentes, compra de materiais, distribuição dos papéis de cada personagem, reunião com as secretarias de cultura, apresentação de documentos para pagamento de cachês, preparação de lanches ou refeições para a/os brincantes, aluguel de transporte para o grupo se deslocar, agendamento de ensaios e apresentações. Para auxiliá-las na operacionalização de todas estas ações, estas mulheres contam com a ajuda da família, geralmente as mulheres como as filhas, cunhadas, netas além do auxílio de pessoas da comunidade que apoiam suas atividades.

A necessidade que senti em falar, ou melhor, em apresentar as histórias de vida destas mestras foi inspirada pela pesquisa da médica, intelectual e ativista negra Jurema Werneck (2007) sobre o samba a partir da figura da Ialodê¹¹ com objetivo visibilizar e valorizar a atuação protagônica da mulher negra e assim fornecer outra perspectiva para os estudos deste gênero musical como justifica a autora:

Assim, recorrer à figura da Ialodê significa principalmente dirigir um olhar específico para as mulheres negras – e suas ações, seus contextos diferenciados, suas trajetórias individuais coletivas – e, entre estas, para aquelas capazes de romper com a “ordem do silêncio” e falar. Aquelas capazes de desenvolver estratégias culturais que busquem alargar os limites impostos às mulheres negras e a população negra como um todo. Estratégias essas que podem ser vistas como contra-hegemônicas ou mais, como produtoras de novas hegemonias voltadas para atender às demandas das mulheres negras e mesmo de outras mulheres e homens. (WERNECK, 2007, p. 74)

A figura da Ialodê torna a temática desta pesquisa mais relevante ao colocar em destaque as ações desenvolvidas por estas mulheres no campo da cultura popular tradicional amazônica fortemente influenciada pelas culturas indígenas e negras, por isso mesmo caracterizada como afro-amazônica. Embora estas manifestações culturais sejam fortemente presentes por meio das atividades dos grupos de cultura popular, elas ainda são desvalorizadas e pouco visibilizadas pelo poder público e mídia local, assim como seus Mestres e Mestras, geralmente pessoas de origem pobre, negras e mestiças, de pouca escolaridade e moradoras de áreas de baixo *status* social da cidade.

Conforme proposta de Werneck (2007), eu acredito que a Ialodê se constitui em ferramenta importante para a pesquisa sobre a música popular brasileira permitindo lançar

¹¹ Ialodê é uma palavra de origem iorubá (Ìyalòde ou Iyálóde) e tem seu uso na prática religiosa do Candomblé onde este título é conferido aos orixás Nanã e Oxum que tem como característica a luta contra os poderes dos homens e a busca pela igualdade de poderes das mulheres. A Ialodê também representa um cargo político dado às mulheres em instâncias governamentais. Ou seja, a Ialodê é a representação política de poder e atuação de mulheres em cargos e funções de liderança em suas comunidades, cidades ou países. (Werneck, 2007)

outro olhar sobre as práticas musicais pensando nas ações de rebeldia, insubordinação e enfrentamento das mulheres negras na luta contra o sexismo e racismo¹². A utilização e perspectiva desta figura pode auxiliar a nós, pesquisadoras e pesquisadores na realização de estudos que apresentem a participação das mulheres como foco central para se conhecer o “outro lado da história” e agregar conhecimentos sobre o desenvolvimento e manutenção das diversas manifestações musicais brasileiras. Além de proporcionar discussões críticas sobre a operacionalização do racismo e sexismo também nas práticas musicais, posto que as mesmas não estejam isentas das matrizes de desigualdades. Na minha pesquisa, diferente de Werneck, eu apresentei a figura da Mestreira como aquela que detém o conhecimento amplo e profundo das manifestações culturais populares, dirige grupos e promove movimentos culturais junto à sua comunidade. As formas de atuação e aplicação do conhecimento e experiências com a cultura popular se expressam na composição e execução de canções, criação de textos teatrais, confecção de figurinos e adereços, direção teatral e coreográfica e preparação de ensaios.

Para melhor compreensão do envolvimento destas mulheres com as manifestações tradicionais apresentei na tese junto as suas biografias quais os grupos coordenados por elas, apresentando seu histórico, seus componentes e a atuação dos mesmos na cidade de Belém. Cada grupo de determinada manifestação apresentava aspectos em comum no que concerne a sua estrutura e também algumas variações de acordo com o encaminhamento da Mestreira. As características dos grupos estão diretamente ligadas às diretrizes de suas líderes associadas às sugestões da/os brincantes e também a demanda da comunidade onde estão inseridos, conferindo uma identidade a todos eles, mesmo que para alguns “olhares desatentos” pareçam todos iguais.

Sem desconsiderar meu envolvimento com o tema de pesquisa e apresentando minha visão “parcial” e “corporificada” (HARAWAY, 1995) e compartilhando da metodologia apresentada pela historiadora Cláudia Cardoso (2012) em sua pesquisa sobre feministas negras no Brasil, eu apresentei as biografias. Ao analisar as narrativas de vida eu apresentei algumas percepções sobre os encontros que tive com as Mestreiras articulados com excertos das entrevistas para que o/a leitor/a da tese pudesse conhecê-las melhor e se “aproximar”, como eu fui também. A inserção destes excertos e meus comentários foi uma tentativa de estabelecer um diálogo entre as Mestreiras, a pesquisadora e o/a leitor/a possibilitando o conhecimento sobre as formas de protagonismos destas mulheres frente aos desafios em se

¹² Para compreender a luta das mulheres negras não estão vinculadas somente a um aspecto, seja de gênero ou de raça em separado, mas compreensão de que as desigualdades dos marcadores sociais atuam de maneira sobreposta deixando as mulheres negras sempre em posição mais fragilizada.

manter grupos de manifestações populares tradicionais numa cidade como Belém. Além de compreender de que forma suas atividades culturais são formas de enfretamento contra as formas de opressão que atingem mulheres, negras e pobres na periferia da cidade.

Por questões de espaço neste artigo, não será possível detalhar as narrativas de vida das 12 Mestras abordadas na pesquisa, infelizmente. Estas mulheres apresentam uma vivência e produção no campo da cultura popular muito vasto. Por meio das atividades com seus grupos realizam a divulgação e manutenção e renovação das manifestações populares da cultura paraense. Aliada as atividades dos seus grupos são mulheres que também têm forte atuação em suas comunidades na liderança de projetos, reivindicações junto ao poder público para a melhoria de vida do/as moradore/as que muitas vezes sofrem com a falta de acesso ou precarização de serviços públicos. E para completar a tripla jornada destas mulheres ainda estão os afazeres domésticos e sustento de sua família, posto o pouco que ganham ainda têm que dividir com as despesas geradas pelos seus grupos de cultura popular. A importância destas Mestras ficou evidente na pesquisa que realizei, pois me mostrou que no campo de estudos da cultura popular ainda temos esta dívida em escrever outra história sobre a perspectiva das mulheres e discutir sobre as relações assimétricas de gênero, raça e classe que também permeiam este universo.

Finalizando, mas sem concluir

A proposta de se pensar sobre as práticas culturais e musicais de mestras a cultura popular ocorreu a partir do meu envolvimento as temáticas ligadas à discussão da cultura afro-brasileira e sua inserção no currículo escolar, além dos debates sobre o racismo e preconceito. Mais recentemente minha aproximação com um grupo de pesquisa cujo tema sobre práticas musicais à luz das teorias feministas me conduziu a uma nova perspectiva na realização de minha pesquisa, além dos aprendizados como sujeita e cidadã. Minha inserção e interesse em compreender as práticas musicais de grupos de Bois-bumbás na cidade de Belém já eram antigos, mas até o momento a pesquisa tinha foco exclusivo nas performances musicais e nos saberes dos mestres dos grupos. A partir da minha inserção nos estudos feministas e discussões no grupo de pesquisa meu interesse se voltou para as práticas musicais de mulheres que coordenam grupos de cultura popular tradicional em Belém.

E com este interesse busquei alguns dados para conhecer quais e quantos grupos têm uma mestra na liderança. Para minha surpresa, mas não espanto eu percebi que um número expressivo de grupos que são coordenados exclusivamente por mulheres/mestras na cidade de

Belém, e que este número pode ser maior, posto que ainda haja mais dados a serem coletados. Diante deste primeiro levantamento percebi a ausência de artigos, discussões ou outros meios escritos apresentando o trabalho destas mestras. No meu caso em particular, o foco da pesquisa implica em conhecer quais os saberes musicais destas mestras e como são reveladas na prática questões relacionadas a gênero, sexualidade, raça, geração, classe entre outros temas.

Considerando a escassez de material e a ausência de discussão sobre o tema é que elaborei tal artigo, como uma forma de apresentar a temática a partir das discussões sobre gêneros e suas interseccionalidades proporcionando uma perspectiva feminista para se pensar no papel musical desta mestras para a manutenção e difusão da cultura popular tradicional em Belém.

Referências bibliográficas

- BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida (orgs). *Psicologia Social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.
- CARDOSO, Claudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectiva das mulheres negras brasileiras*. Salvador. 2012. 383f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo- Universidade Federal da Bahia, 2012
- CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde lasprácticas políticas del feminismo antirracistas. *Nómadas*. Colômbia, n.26, 2007. P.92-101.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. São Paulo, n. 5, 1995, p. 07-41.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Disponível em www.observem.com.
- SEGATO, Rita. Raça é signo. *Série Antropologia*. Brasília, n. 372, 2005, p.02-16..
- WERNECK, Jurema Pinto. *O samba segundo as Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática*. Rio de Janeiro, 2007. 318f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007